

AGROECOLOGIA NA PERCEPÇÃO DA AGRICULTORA DO ASSENTAMENTO SUMARÉ II

Lucilene Cruz da Silva¹

Resumo: Este artigo visa apresentar a percepção de uma mulher Assentada sobre o tema Agroecologia, conhecimentos e saberes, vivência agroecológica como um desenvolvimento alternativo e sustentável na agricultura familiar, com manejo produtivo conservando e preservando os recursos naturais, visando à qualidade de vida, ampliação da produção de alimentos saudáveis, dentre outros. Como também apresentar o Assentamento modelo de reforma agrária do estado. A assentada realiza agroecologia com a percepção de agricultura propor que a produção seja desenvolvida de forma sustentável, de acordo com os recursos naturais disponíveis para a manutenção da saúde do solo e enriquecimento do mesmo; também a sustentabilidade compreende o quanto pode ser produzido por uma unidade agrícola ou pelo próprio planeta sem precisar de inserção de elementos externos, sem uso de produtos químicos sintéticos para fertilização e adubação do solo. As famílias do Assentamento estão gerando cada vez mais trabalho e renda no campo, com a agricultura familiar, a produção agropecuária, contribuindo e fortalecendo o crescimento do município. Tem sucesso no processo de produção da terra e no cultivo de seus alimentos para atender o autoconsumo e venda do excedente. Conta com um grupo de famílias que implantaram SAFs (Sistema Agroflorestal) e realizam produção orgânica obtendo o certificado em SPG (Sistema de Participação de Garantia) pela Opac/ANC (Associação de Agricultura Natural de Campinas), e principalmente desenvolvendo a agroecologia como forma de contato mais próximo com a natureza e o bom convívio com o outro. Entende-se que agroecologia como ciência não existe sozinha, também a sabedoria popular, os saberes e conhecimentos desenvolvidos na lida diária com a terra, uma proposta sustentável.

Palavras-Chave: Percepção; Vivência; Mulheres; Grupo.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa apresentar a percepção de uma mulher, agricultora familiar assentada no Assentamento Sumaré II, município de Sumaré, Estado de São Paulo, sobre agroecologia, os conhecimentos e a prática. A vivência agroecológica no desenvolvimento, manejo de produzir alimentos saudáveis visando à qualidade de vida no campo. Uma compreensão além de uma agricultura alternativa e sim de princípios da vida; um movimento biopsicossocial e holístico, valorizando tudo ao seu entorno.

¹Agricultora/ agroecologia, Assentada; Psicóloga, Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Especialista em Educação do Campo e Agroecologia na Agricultura Familiar e Camponesa – Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Menstranda em Engenharia Agrícola, 2017- Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: lu.cruz1712@gmail.com

Apresentar o Assentamento Sumaré II de reforma agrária, Assentamento modelo no Estado de São Paulo. Sua localização, forma de organização, importância das mulheres, resgate da história, etc.

Explicar a definição de agricultura familiar por alguns autores, como também o conceito abordado sobre agroecologia, dentre outros.

Além disso, proporcionar ao leitor o prazer de conhecer através da leitura um módulo de SAF (Sistema Agroflorestal), com sucesso no processo de produção da terra e no cultivo de seus alimentos para atender o autoconsumo e venda do excedente. Com certificado em SPG (Sistema de Participação de Garantia) pela Opac/ANC (Associação de Agricultura Natural de Campinas), não somente por ser uma produtora orgânica, mas sim realizando os princípios, meios e entornos da agroecologia.

2. AGROECOLOGIA, CONCEITO ABORDADO.

Antes de entrar no conceito de agroecologia, será abordado sobre o que vem a ser agricultura familiar, pois é este sistema que as mulheres do assentamento trabalham, onde perpetua a família em conjunto entre todos da casa e do quintal. Deste modo, então a propriedade familiar passa a representar, ao mesmo tempo, uma unidade familiar de produção, absorvendo a força de trabalho, a tecnologia e a criatividade dos membros da família, que, por sua vez, buscam nela a sua subsistência, o equilíbrio e os avanços sociais e econômicos. De acordo com Abramovay (1998), a agricultura familiar reflete, em última instância, o espaço vivido e compartilhado, onde os membros da família criam referências e constroem identidades.

Para Wanderley (1995) agricultura familiar corresponde a formas de organização da produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas. Essa condição imprime especificidades à forma de gestão do estabelecimento, porque referencia racionalidades sociais compatíveis com o atendimento de múltiplos objetivos socioeconômicos; pode ser retratada como uma parcela significativa na geração de riqueza no meio rural.

De acordo com Neves (2005, p. 23), o termo agricultura familiar se referia:

“Como termo de mobilização política e de enquadramento social consagrou a construção de novos modelos de desenvolvimento econômico, com capacidade de orientar a organização de unidades produtivas sustentáveis. A capacidade e as condições de trabalho são articuladas a partir das relações familiares; portanto, deve-se levar em consideração a diferenciação de gênero, ciclos de vida e sistema de autoridade familiar”.

Entende-se por agricultura familiar o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais, tendo como mão de obra essencialmente o núcleo familiar. Sendo isso que as agricultoras do assentamento realizam no seu dia a dia.

Após estas definições de alguns autores sobre agricultura familiar, entraremos no conceito que propriamente será trabalhado neste item, agroecologia. O que vem a ser este termo? Um tipo de cultivo, ou forma de conviver? Agroecologia palavra que corresponde à agricultura.

Agroecologia é uma abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito da tecnologia sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo, segundo Altieri (2004).

A Agroecologia surge como uma oportunidade para os pequenos e médios produtores da agricultura familiar, e uma alternativa à agricultura convencional, que é

responsável pela produção de alimentos no nosso País. O cultivo agroecológico deve ser encarado como uma filosofia que traz mudanças de atitudes em busca de uma melhor qualidade de vida. Assim, entende-se que agroecologia é uma ciência, um movimento social e também sua prática. Ela possui dimensões tecnológicas, sociais, políticas e econômicas. Vai além do não uso de agrotóxicos, realiza o manejo sustentável, valoriza as sementes tradicionais e cultiva alimentos em harmonia com a natureza e a cultura local, segundo Maria Emília Pacheco².

O termo agroecologia parece ter surgido na década de 1930, como sinônimo de ecologia aplicada à agricultura, no contexto do aprofundamento da divisão do trabalho na sociedade capitalista e da crescente fragmentação dos conhecimentos, e com a expansão do capitalismo no campo da qual a Revolução Verde é a face mais conhecida.

O uso do termo Agroecologia se popularizou nos anos 1980 a partir dos trabalhos de Miguel Altieri e, posteriormente, de Stephen Gliessman, ambos os pesquisadores de universidades estadunidenses e atualmente considerados os principais expoentes da “vertente americana” da agroecologia (CALDART *et. al*, 2012).

A agroecologia surgiu de uma interação entre as disciplinas científicas naturais e sociais e as próprias comunidades rurais, principalmente da América Latina. Seus principais expoentes, na “vertente europeia” são Eduardo Sevilla-Guzmán e Manuel González de Molina, ambos ligados ao Instituto de Sociología y Estudios Campesinos (Isec), da Universidade de Córdoba, Espanha (CALDART *et. al*, 2012).

No Brasil, a contestação à Revolução Verde surgiu com o movimento da “agricultura alternativa” do final da década de 1970, mas permaneceu inicialmente restrita a um pequeno grupo de intelectuais, em sua maioria profissional das ciências agrárias, até meados da década de 1980. Foi somente a partir de 1989 que o termo Agroecologia começou a ser utilizado no Brasil, com a publicação do livro *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*, de Miguel Altieri (CALDART *et. al*, 2012).

As organizações não governamentais (ONGs) foram as principais disseminadoras da agroecologia nos anos 1990. No final daquela década, e com maior força a partir do início dos anos 2000, os movimentos sociais populares do campo, em especial aqueles vinculados à Via Campesina, incorporaram o debate agroecológico à sua estratégia política e passaram a dar contribuições importantes.

A agroecologia foi definida por Altieri (1989, p. 12) como:

“As bases científicas para uma agricultura alternativa. Como ciência, a agroecologia emerge de uma busca por superar o conhecimento fragmentário, compartimentalizado, cartesiano, em favor de uma abordagem integrada. Seu conhecimento se constitui, mediante a interação entre diferentes disciplinas, para compreender o funcionamento dos ciclos minerais, as transformações de energia, os processos biológicos e as relações socioeconômicas como um todo, na análise dos diferentes processos que intervêm na atividade agrícola”.

Para Altieri, (2004), agroecologia é uma abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito da tecnologia sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo.

Miguel Altieri aponta ainda que agroecologia,

“Pode ser caracterizada como uma disciplina que fornece os princípios

² Assessora da Fase (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional) durante a entrevista exibida no programa da TV, Canal Futura, em agosto de 2014.

ecológicos básicos para estudar, desenhar e manejar agroecossistemas produtivos e conservadores recursos naturais, apropriados culturalmente, socialmente justos e economicamente viáveis, proporcionando, dessa maneira, bases científicas para apoiar processos de transição a estilos de agriculturas de base ecológica ou sustentável” (ALTIERI, 1999, p. 9).

Caporal e Costabeber (2004) alertam que não se devem confundir os “estilos de agricultura alternativa” com a Agroecologia, ou mesmo com a agricultura de base ecológica, pois estas estão relacionadas apenas ao não uso de insumos químicos nas práticas agrícolas e pecuárias enquanto que a Agroecologia se baseia em orientações e princípios mais amplos.

“A agroecologia desafia o conhecimento, mas este se aplica e se testa no terreno dos saberes individuais e coletivos” (LEFF, 2002, p. 43).

De acordo com Leff (2002), a agroecologia difere da produção orgânica, ainda que ambas não façam uso de agrotóxicos, por englobar a diversidade como um princípio.

“É terra, instrumento e alma da produção, onde se plantam novas sementes do saber e do conhecimento, onde enraíza o saber no ser e na terra; é o caldeirão onde se amalgamam saberes e conhecimentos, ciências, tecnologias e práticas, artes e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo. Um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários e camponeses) que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram descolonizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura” (LEFF, 2002, p. 42).

“O saber agroecológico contribui para a construção de um novo paradigma produtivo ao mostrar a possibilidade de produzir com a natureza” (LEFF, 2002, p. 44).

3. ASSENTAMENTO SUMARÉ II - ÁREA DE TRABALHO DE MUITAS MULHERES

O Assentamento Sumaré II localiza-se no município de Sumaré, estado de São Paulo, e foi criado em 1985, após diversas reuniões no início da década de 1980, por trabalhador@s e desempregad@s que buscaram na terra uma forma de superação dos seus problemas econômicos. Assim, Sumaré II, em maio deste ano (2018) completou 33 anos de existência.

Inicialmente o grupo era composto por 45 famílias que se organizaram por meio das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs e dos movimentos populares de bairro. Ocuparam uma área no Horto da Boa Vista, terreno de propriedade da Fepasa (Ferrovia Paulista S/A), com mais de 500 hectares, propriedade essa abandonada há mais de 50 anos na periferia do município de Sumaré, divisa com Campinas, no estado de São Paulo. Posteriormente, todas as famílias foram transferidas para o Horto Florestal de Sumaré, onde havia sido assentado anteriormente um primeiro grupo de famílias.

Atualmente, em 2018, o Assentamento Sumaré II possui uma agrovila destinada, principalmente, à moradia d@s assentad@s, cuja área é de 6.000 m² para cada titular, dentro de um total de 28 titulares de terra, e mais de 80 famílias morando no Assentamento contando com agregados dos titulares (filhos, netos, sobrinhos que se casaram e constituíram famílias). Os lotes destinados à produção agropecuária possuem uma área de até 7,5 ha cada.

Por meio de parcerias e doações, o Assentamento Sumaré II conta hoje com uma escola, construída com recursos doados pela Cárita³ e com administração de responsabilidade da Prefeitura municipal. A escola oferece o ensino infantil e o fundamental de 1º ao 5º ano, incluso nas normas da Educação do Governo Federal.

Além disso, agricultor@s integram como cooperad@s a Coopasul (Cooperativa Agropecuária de Produção dos Assentamentos Sumaré), cuja sede localiza-se no Assentamento Sumaré I e agregam os agricultor@s dos Assentamentos Sumaré I, II e III que até este ano de 2018 parte da produção no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), para Prefeitura de Guarulhos; o Programa Nacional de Alimentação Escolar⁴ (Pnae), Prefeitura de Hortolândia e o Programa Paulista de Agricultura de Interesse Social (PPAIS), do município de Sumaré.

O Assentamento está gerando cada vez mais trabalho e renda no campo, com a agricultura familiar, a produção agropecuária e agroecologia, contribuindo e fortalecendo o crescimento do município. Tem sucesso no processo de produção da terra e no cultivo de seus alimentos para atender o autoconsumo e venda do excedente

Cabe destacar o grupo de quatro famílias de agricultor@s que participaram do projeto da Rede de Agroecologia da Unicamp (RAU)⁵ para implantação de SAFs (Sistema Agroflorestal) no Assentamento, em três lotes o fizeram em área de APP (Área de Proteção Permanente) e continuam preservando, plantando e cuidando do local com responsabilidade, como também participaram de formações⁶, como por exemplo: transição agroecológica, plantio consorciado, etc. e estão se familiarizando cada vez mais com agroecologia. Realizam produção orgânica com certificado em SPG (Sistema de Participação de Garantia) pela Opac/ANC (Associação de Agricultura Natural de Campinas). Embora serem as mulheres, as que mais participam das questões da agroecologia, este grupo tem um número razoável de homens interessados e participantes.

Podemos concluir que os agricultor@s que passaram pelo processo da transição agroecológica no contexto do Assentamento Sumaré II, estão apresentando grandes avanços, sendo eles os que fizeram a implantação de SAFs, os quais estão cada vez mais interessados em continuar o aprendizado agroecológico e realizar novas experiências nos lotes, plantando diversidades, trocando saberes e experiências. Contudo, os desafios serão de continuar apoiando estes agricultores e envolver outros novos a quererem participar também, demonstrando que é possível fazer uma agricultura diferente, saudável e com qualidade de vida e evidenciando as conquistas que já foram alcançadas como também as vantagens que poderão ser obtidas desse tipo de atividade. Segundo Siliprandi (2015) há uma conformação de um campo social agroecológico com a proposta de transformação social. Não somente nas rodas de conversas, encontros, mas também nos meios acadêmicos e dentro do Estado.

Deste modo, vale ressaltar que o Assentamento Sumaré II continua após anos de existência enfrentando a luta para sobrevivência em um município que teima em não aceitar que agricultor@s familiar@s alimentam o campo e a cidade, exalta soberania

³ Entidade (ligada à igreja católica) de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário, no Brasil e em diversos países.

⁴ Entre outros objetivos, esses programas buscam efetivar e operacionalizar a necessária associação da produção familiar local e o consumo de alimentos em quantidade e qualidade compatíveis com o conceito de segurança alimentar, conforme definido pela Lei 11.346 de 2006 (BRASIL, 2006).

⁵ Projeto “Transição Agroecológica da Agricultura Familiar na Região de Campinas (SP): a práxis do Ensino, Pesquisa e Extensão na Rede de Agroecologia da Unicamp”, realizado com apoio do Edital MDA/CNPq no 39/2014 - Processo CNPq 472894/2014-15 e coordenado por Julieta Teresa Aier de Oliveira (OLIVEIRA Coord., 2017).

⁶ “Formação de Multiplicadores para a Transição Agroecológica”, 2016 - Projeto referido no item 5.

alimentar e nutricional, comporta a qualidade de vida e permite a visitação de qualquer um para quebra de paradigma.

Abaixo as figuras 1, 2 e 3 - Fotos que mostram o Assentamento Sumaré II.

Figura 1. Foto aérea do Assentamento Sumaré II, Sumaré/SP, 2018. Fonte: Acervo Assentamento Sumaré II, 2008.



Figura 2. Foto Aérea da Agrovila Assentamento Sumaré II, Sumaré/SP, 2018. Fonte: Acervo Assentamento Sumaré II, 2008.



Figura 3. Entrada do Assentamento Sumaré II, Sumaré/SP, 2011. Fonte: Acervo próprio, agricultora (2011).



4. IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

As mulheres do Assentamento Sumaré II sempre tiveram importante papel e participação nos inúmeros eventos e atividades que acontecem no local, como acompanhamento de estudantes, visitantes que chegam ao local, bem como na preparação de refeições para os visitantes. Sua presença é grande nas oficinas de formação que acontecem. São as que mais frequentam, tiram dúvidas, trocam experiências, saberes com as outras e com todos que participam.

A participação foi sempre muito significativa, desde o início na década de 1980 nas primeiras reuniões de organização de luta pela terra. A maioria das mulheres deste assentamento esteve presente. Segundo Valenciano (2002), o processo de luta pela terra desde a década dos anos 80 é produto da organização e mobilização dos trabalhadores rurais sem terra. E nestes grupos as mulheres tem papel muito importante, inclusive na articulação da organização em nível estadual de nome OMAQUESP (Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo), que surgiu no ano 2000, com representantes em vários assentamentos.

Segundo Castro (2009), atualmente existem no Brasil inúmeros movimentos feministas, organizações de mulheres urbanas e rurais de diferentes movimentos sociais. Vale lembrar a força e reivindicação das mulheres do Oito de Março, “Dia Internacional da Mulher; a articulação de atos nacionais como a “Marcha das Margaridas⁷”; a Marcha Mundial das Mulheres; o Movimento das Mulheres Camponesas, dentre outros, cada qual com sua seriedade e interseccionalidade⁸, ser mulher e ser jovem.

⁷ É um ato político que acontece anualmente do qual participam mulheres de diferentes organizações rurais, que acontece em Brasília e consistem em uma longa passeata que arregimenta milhares de mulheres trabalhadoras rurais para a apresentar ao governo federal suas reivindicações.

⁸ Uma proposta de trabalho com várias categorias é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e de desigualdades, interseção ou a ela relativo; Que faz uma interseção de vários assuntos ou ideias.

E resgatando a participação das mulheres do Assentamento Sumaré II, destaca - se que em 1985, surge o Grupo Mulheres da Terra⁹, como alternativa de poder dentro do assentamento, elas se articularam para contribuir com a organização do assentamento e para suprir suas necessidades econômicas.

“As próprias mulheres começaram a ver as dificuldades nos assentamentos e começaram a se reunir. Sempre que uma liderança desses grupos vinha, corríamos atrás, indo até as prefeituras etc. A partir de então começaram a realizar os encontros de mulheres, onde se encontravam com mulheres de outros assentamentos e todas começaram a perceber que os problemas enfrentados eram quase sempre os mesmos. Então surgiu a ideia e a vontade de se organizar no nível de Estado“ (VALENCIANO, 2002, p.02).

E a partir da organização da OMAQUESP (Organização de Mulheres Assentadas e Quilombolas do Estado de São Paulo) conseguiram conquistar o primeiro PSF (Programa da Saúde da Família), para o Assentamento de Sumaré.

Devemos também destacar, que as mulheres se articulam e buscam obter várias informações e conhecimentos em muitos aspectos. Dentre eles, os de buscar uma política de fortalecimento nas organizações locais e o resgate da autoestima das famílias da agricultura familiar.

Preocupam-se também com o aumento de renda no setor rural, para assegurar a permeância do jovem no campo, pois a agricultura familiar é o que mais ocupa mão de obra no meio rural e seus filhos estão sendo atraídos pelas cidades.

Em relação aos processos produtivos há no Assentamento II uma agricultora que adota o sistema de produção com base nos princípios da Agroecologia, que seria: preservar os recursos naturais e assegurar a oferta de alimentos de melhor qualidade. Levando em conta, não só o valor maior dos produtos orgânicos, mas também por serem mais saudáveis e oferecerem melhor qualidade de vida à população. Verificando este aspecto, essa mulher preocupam-se com a saúde dos filhos, neto e demais pessoas e cria galinhas e frangos mais saudáveis e felizes, soltos na agrofloresta.

“Viabilizando a criação da galinha caipira, tornando-a uma ave competitiva, inserindo-a no mercado de produtos agroecologicamente corretos, uma vez que pode ser criada com o uso racional dos recursos naturais renováveis, inclusive com agregação de valor à produção agrícola, agroindustrial e extrativista, já que pode ser perfeitamente integrada com as mais variadas atividades” (EMBRAPA, 2007).

A galinha caipira, por meio da qualidade dos seus produtos se tornou um dos pratos mais apreciados no Brasil (Embrapa, 2007). Ela é criada na quase totalidade em núcleos agrícolas familiares, alimentando famílias e gerando renda. Por ser uma ave rústica e capaz de suportar adversidades climáticas e resistir a algumas doenças, se torna uma alternativa principalmente para locais com menor infraestrutura produtiva. Além disso, a criação de galinhas caipiras é uma atividade cujo mercado é muito propício, pois a oferta desse produto é menor do que a demanda (Embrapa, 2009).

⁹ Grupo contendo várias mulheres, que no início se uniram para fazer pinturas em panos de prato para vender, com objetivo de conseguir recursos financeiros para compra de leite e outros alimentos para as crianças no acampamento.

Outro aspecto positivo é o fato de sua comercialização poder ser efetuada de modo direto produtor-consumidor, tornando compensadores e bastante atrativo os preços para o produtor. Pensando dessa maneira a agricultora do Assentamento iniciou, em seu quintal, a criação de galinhas para consumo da carne e dos ovos e para a comercialização.

Segundo Amorozo (2008), há a necessidade de estudos e pesquisas sobre os quintais, entendidos como espaços de conservação e manutenção de saberes tradicionais que se perpetuam. Neste sentido, uma das maneiras do agricultor ter bom sustento da produção realizada em seu quintal é procurar realizá-la com práticas sustentáveis, como por exemplo, sob enfoque agroecológico, a qual deve iniciar através da realidade vivida pelo assentado.

De acordo com Araújo e Amorozo (2012),

“Tais assentamentos rurais, atualmente, constituem um grande desafio para o estabelecimento de sistemas agrícolas sustentáveis, do ponto de vista socioeconômico e ambiental, como os de orientação agroecológica. Um dos pontos centrais para a sustentabilidade é a autonomia dos agricultores. A agrobiodiversidade, mantida localmente, é de grande interesse neste sentido, porém trabalhos que avaliem agrobiodiversidade em assentamentos rurais são praticamente inexistentes” (ARAÚJO E AMOROZO (2012, p.02).

Segundo Borsatto e Carmo (2012), a agroecologia emerge em um contexto de crise socioambiental cujas consequências têm afetado a sustentabilidade do planeta.

As mulheres do Assentamento Sumaré II, buscam dar continuidade nos processos de aprendizagem, tentando colocar em prática todos os ensinamentos que adquirem ao longo da participação nas formações diversas que acontecem no Assentamento.

Figura 4. - Foto do curso de artesanato fibra de bananeira.



Figura 4. Alguns participantes do curso de fibra de bananeira, maioria mulheres, Centro comunitário do Assentamento II, Sumaré/SP, 2013. Fonte: Acervo próprio agricultora (2013).

5. PERCEPÇÃO DA AGRICULTORA: PRÁTICA E DIVERSIDADES

Quanto à agricultura orgânica e agroecológica existem poucos agricultores que as praticam. Existe uma agricultora agroecológica que há mais de 20 anos a realiza no Assentamento, sendo ela uma agente de mudança local em agroecologia.

Agroecologia, segundo Knabben (2017), lida com a percepção de todos os componentes da vida, modo de produzir que equilibra e harmoniza a vida. É esta agricultora a prática no lote, incentiva outras agricultoras a participarem de experiências locais, visitar outras localidades, ambientes que também fazem agroecologia e a participarem de cursos que ensinam a ter um olhar diferenciado e diversificado para o mundo rural.

Agricultora incentiva muito, pois tem a sensibilização de que todas as mulheres e suas famílias poderão ter uma vida melhor praticando e manejando uma agricultura mais saudável e obtenção de uma maior e melhoria da qualidade de vida. Ela cria galinhas caipiras com enfoque agroecológico, as galinhas ficam soltas na floresta (SAF, implantado em 2006), as aves são muito saudáveis e felizes, além de receber alimentos todos os dias, elas ainda aproveitam também as frutas diversas do local. E a agricultora ainda utiliza o esterco das aves, fazendo compostos para a produção de frutas, plantio no geral.

A agricultora, agroecológica participou das reuniões do movimento da luta pela terra na década de 1980, juntamente com os pais e tio materno. Nesta época, os movimentos sociais em torno da Reforma Agrária tomam força ao mesmo tempo em que surgem conflitos importantes no País em torno de terras ocupadas irregularmente. Em 1985, o Governo Federal elaborou um plano previsto no Estatuto da Terra, o PNRA (Plano Nacional de Reforma Agrária).

Segundo Bergamasco e Norder (2003, p. 45):

“A reforma agrária tornou-se um tema obrigatório para todos os candidatos da campanha presidencial em 1994. Sendo eleito presidente, Fernando Henrique Cardoso, que em seu governo não poderia deixar de tratar do problema agrário, sendo a reforma agrária um dos pontos mais problemáticos da agenda política do governo, diante da sociedade civil e do MST”.

Reforma agrária tem sido uma das possibilidades para a redução nos índices de pobreza, tanto rural quanto urbana, segundo Bergamasco e Norder (2003). Assim a assentada, filha de agricultores, o pai lavrador da terra e cultivador de café, feijão, milho, abóbora e diversos alimentos saudáveis, transmitindo a ela, às irmãs e irmão o amor pela natureza, pelas plantas, pessoas, animais, etc. tudo junto e misturado; fazendo, fazendo e fazendo cultivos, sempre.

Esta agricultora tem formação em psicologia, especialização em educação do campo e agroecologia na agricultura familiar e camponesa, e mestranda em engenharia agrícola. E sua ampla vivência está no contato com a natureza, realizando aquilo que muito ama: cultivar, trocar conhecimentos, alimentos e afeições. Para ela agroecologia não é uma forma alternativa de desenvolvimento rural, perpassa é algo transcendental, forma energética de bem viver, desenvolve métodos sustentável, utilizando e reutilizando matérias primas do local, como por exemplo, compostagem, biofertilizante, reutilizando as podas das árvores, os brotos de bananas para cobrir o solo e para as galinhas comerem como prevenção à saúde das aves como vermífugos; uso das plantas medicinais também

para esta finalidade. Assim, agroecologia é uma proposta metodológica para o desenvolvimento verdadeiramente sustentável¹⁰.

Com o passar do tempo o processo de mudanças no mundo rural tende a gerar novas práticas sociais e culturais onde se verifica a assimilação de valores ambientais, e pode ser observado o aumento e interesse cada vez mais na busca por conhecimento de medicina alternativa e fitoterapia, como também o crescimento do turismo rural no assentamento. Essas práticas estão muitas vezes associadas a ações de educação ambiental, tanto na sua difusão como na valorização da paisagem socioambiental no campo.

O lote da agricultora foi visitado em 2015 por Romeu¹¹, que relatou ter gostado muito de todo o ambiente que vivem as galinhas, a floresta (SAF), a raça das galinhas é o índio e o frango gigante. Este lote foi considerado muito positivo pelo sistema de criação das galinhas, Romeu ficou muito impressionado com o manejo da criação, parabenizou a agricultora e seu companheiro, pelo excelente trabalho que realizam no local.

Assim a agricultora desenvolve a agroecologia com diálogo e reflexão junto a natureza. Seus saberes agroecológicos permitem transmitir ao coletivo a valorização dos saberes individuais, aplicar métodos ressignificando os sentidos de existência no mundo, a importância das relações como também a multiplicação e forma de apropriar-se do ambiente, seus recursos com sabedoria e troca. Havendo no local o equilíbrio a dinâmica de conservar, preservar os recursos existentes, que são o solo, ar, água. Embora tenha uma individualidade no processo das diversas atividades desenvolvidas, a agricultora procura transmitir seus saberes, realiza trabalhos voluntários diversos. Faz artesanatos com fibras de bananeiras, bijuterias com sementes; coleta, separa e participa de trocas de sementes em vários eventos. Cultiva plantas medicinais, manipula em produtos de beleza como shampoos, sabonetes, etc. pomada; realiza o processamento artesanal de frutas: licores, geleias; de colorau, açafraão, dentre outros. Assim desenvolve múltiplas atividades e ainda se preocupa com as questões sociais da comunidade, das ambientais; articula e promove formações, cursos para o aprimoramento e interesse da comunidade.

Com isso e outras atividades realizadas, a agricultora para favorecer mais agricultores interessados, obteve o certificado de produtora orgânica com SPG (Sistema Participativo de Garantia) e ANC (Associação Natural de Campinas), como forma de organização, logo, pois não se tem um certificado de agroecologia. Já que ela não utiliza nenhum tipo de produto orgânico no cultivo, somente o manuseio pelas próprias plantas e o local adequado.

Deste modo, demonstra que o verdadeiro amor está no que fazer para levar benefícios à família toda e aos que estarão se favorecendo desse modo de agricultura, a agroecologia. E isso é ter qualidade de vida, fartura, estabelece a inclusão da família, criando referências e construindo identidades.

Agroecologia e bem viver é uma prática que perpassa pelo sentimento de amor que as mulheres verbalizam sempre e tentam de alguma maneira transmitir o que realmente sentem por estar no meio rural apropriando-se da terra prometida, com gratidão e amor. No Assentamento há fartura realmente, e as mulheres tem autonomia e podem

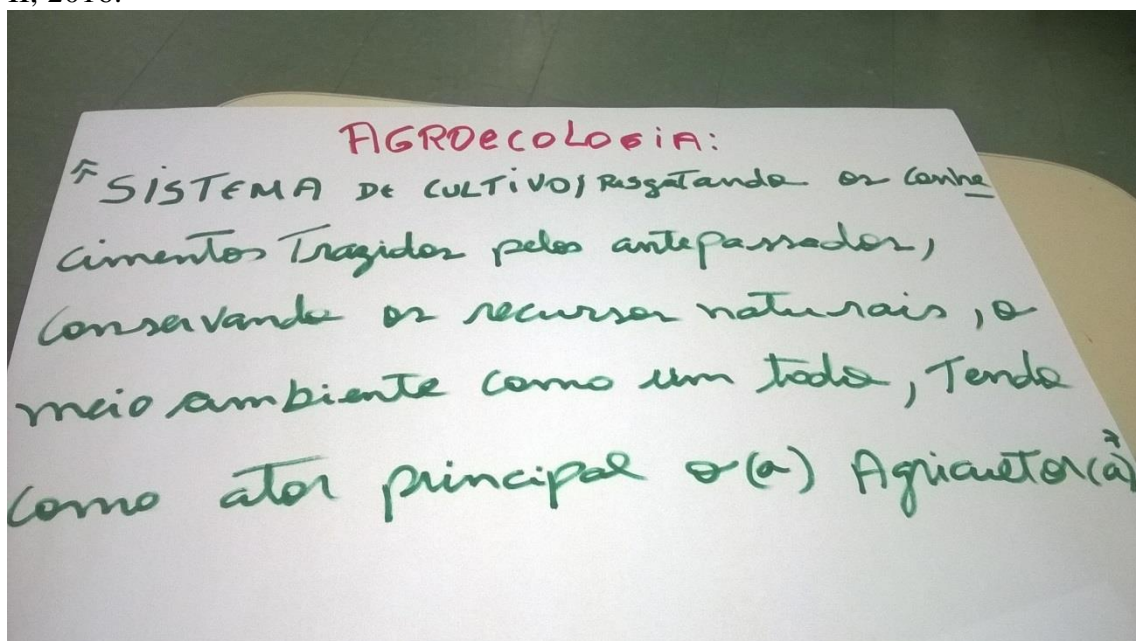
¹⁰ Citação oral de Maristela Simões do Carmo, Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Agrônômicas, UNESP- Botucatu, Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp -Campinas.

¹¹ Romeu M. Leite veterinário, residente e representante da Vila Yamaguishi, primeira sede da Sociedade de Yamaguishismo em terras brasileiras, localizada no município de Jaguariúna, estado de São Paulo e Associação de produtores orgânicos certificados (verduras, legumes ovos, etc.), atuando no mercado de abastecimento orgânico do País.

tomar decisão junto com a família, planejando e decidindo quais alimentos quer plantar, para comer e obter renda, como assinala Neves (2005) sobre a distribuição mais homogênea da renda, contribuindo para a soberania alimentar, na maioria das culturas.

Deste modo agroecologia foi definido pela agricultora como modo de conservar os recursos naturais: cuidar da água, das nascentes, para que não acabe essa água, que é tão preciosa; é coisa de pessoas que querem o melhor para si e para os outros; é doar o que plantam e colhem para não perder. Essa prática é da agroecologia, dos princípios de repartir com o outro que necessita para não perder a função que já exerceu o trabalho que desenvolveu.

Figura 5. Foto da definição de Agroecologia para agricultora, Assentamento Sumaré II, 2016.



Fonte: Acervo próprio da agricultora (2016)

A seguir as figuras 6 e 7 - Fotos da Floresta no lote da Agricultora do Assentamento Sumaré II

Figura 6. Primeiro SAF implantado no Assentamento Sumaré II em 2006, Sumaré/SP. Fonte: Acervo próprio da agricultora, (2006).



Figura 7. Galinhas caipiras criação agroecológica (SAF) no Assentamento de Sumaré II, 2015. Sumaré/SP. Fonte: Acervo próprio agricultora, (2015).



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar que o Assentamento Sumaré II, faz parte da história do Brasil, como Assentamento modelo de uma maneira simples e objetiva, demonstra que realiza seriamente a agricultura familiar, produzem alimentos com envolvimento da família, auxiliado na permanência das práticas agrícolas pelo pequeno e assentado agricultor familiar, com o processo em conjunto de planejar o que plantar, como plantar, onde vender e na implicação de todas as atividades desenvolvidas no lote.

A importância da visibilidade que se dá ao agricultor familiar, seja em qualquer esfera, é extremamente respeitável, porque o agronegócio cresce e os agricultores ficam cada vez mais escondidos. E para agricultores serem reconhecidos, é preciso ações, divulgações de suas atividades e localidades, como este trabalho, por exemplo, e com isso

não ficam somente na lembrança de que um dia vieram da roça e possam transmitir este conhecimento aos seus descendentes.

Houve também a comprovação da significativa valorização das mulheres como protagonistas do desenvolvimento nas diversas atividades no Assentamento. Com a prática da agroecologia a mulher passa a ter cada vez mais visibilidade, pois ela realiza, preserva e conserva a natureza, tem o cuidado com o outro, possibilita a qualidade de vida, a diversidade de coisas, da biodiversidade, da harmonização do homem com a terra, do resgate dos valores tradicionais, com um enfoque holístico no manejo da agricultura, como tantas outras ações que realizam o tempo todo.

Conclui-se para este trabalho que agroecologia proporciona o despertar do acúmulo de experiências que os agricultores possuem, o saber tradicional, o conhecimento que adquiriu dos avós, pais, etc. no espaço que vive e permite a produção social, considerando cada um e uma como parte dela, do sistema. É a alteração do equilíbrio desse sistema respeitando a natureza. O saber dos agricultores é um conhecimento de senso comum, empírico. Podendo dizer ainda que, agroecologia é processo histórico, atividades mais interligadas em questões com o meio ambiente, mesmo com algumas restrições, mas uma relação respeitosa, em suma interação com a natureza. Uma energia agroecológica que envolve a cada um que visitar e sentir o ambiente de uma maneira mais perceptiva.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Bases para a formulação da política brasileira de desenvolvimento rural**; agricultura familiar e desenvolvimento territorial. Relatório de Pesquisa, 1998.

ALBUQUERQUE, N. I. de; FREITAS, C.M.K.H. de; SAWAKI, H.; QUANZ, D. **Manual sobre criação de galinha caipira na agricultura familiar: noções básicas**. Belém: Embrapa-CPATU, Nov. 1998. 28p. (Embrapa-CPATU. Documentos, 114). Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/fonteshtml/ave/sistemaalternativocriacaogalinhaaipira/alimentacao.htm> Acesso em: 27/09/2014. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ave/SistemaAlternativoCriacaoGalinhaCaipira/autores.htm>, Acesso em: 27/09/2014. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/AgriculturaFamiliar/RegiaoMeioNorteBrasil/GalinhaCaipira/manejoprodutivo.htm> Acesso em: 10/01/2015.

ALTIERI, Miguel. **Agroecología**: bases científicas para una agricultura sustentable. Montevideo: Nordan-Comunidad, 1999.

_____. **A agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4ª ed. Porto Alegre: editora da UFRG, 2004.

AMOROZO, M. C. M., **Os quintais – funções, importância e futuro**. In: Guarim Neto, G.; Carniello, M. A. (Org.), Quintais mato-grossenses – espaços de conservação e reprodução de saberes. Cáceres: UNEMAT Editora, 2008, p. 15-26.

ARAÚJO, C. R. e AMOROZO, M. C. M. **Manutenção da diversidade agrícola em assentamentos rurais: um estudo de caso em Moji-Mirim – SP, Brasil.**, Rio Claro, SP Revista Biotemas, p. 265-280, 2012.

BRASIL, Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006: **estabelece as diretrizes para formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**. Diário Oficial da União, Brasília, 25 jul. 2006.

BERGAMASCO, Sonia M. P. P.; NORDER, Luiz A. C. **A alternativa dos assentamentos rurais: organização social, trabalho e política**. São Paulo. Terceira Margem, 2003.

BORSATTO, R. S.; CARMO, Maristela S. do. **La Agroecología y su Epistemología**. Interciencia (Caracas), v. 37, p. 711-716, 2012.

CALDART, Roseli S., PEREIRA Isabel, B., ALENTEJANO Paulo; FRIGOTTO, Galdêncio (org.). **Dicionário da Educação do Campo** – Agricultura Familiar. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. 788 p.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José, A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA–SAF–Dater–IICA, 2004.

KAGEYAMA, Angela A. **Desenvolvimento Rural**. Conceitos e aplicação ao caso brasileiro. UFRGS Editora, Rio Grande do Sul, 2008, 376 p.

KNABBEN, Virgínia M. **Ana Maria Primavesi: histórias de vida e agroecologia**. 2ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2017.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e Saber Ambiental**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, Jan.-Mar. 2002.

OLIVEIRA, Julieta T.A. (Coord.) **Transição agroecológica da agricultura familiar na região de Campinas (SP): a práxis do ensino, pesquisa e extensão na Rede de Agroecologia da Unicamp**. Relatório de Pesquisa. Rede de Agroecologia da Unicamp. Campinas: Unicamp, 2017, 174p.

NEVES, Delma P. **Agricultura familiar**. In: Motta, M. (org.). Dicionário da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 23-26.

SILIPRAND, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILVA, Lucilene C. **Agroecologia, reforma agrária, agricultura familiar e educação do campo na percepção de mulheres do Assentamento Sumaré II**. Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015, 76p. (Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Agroecologia e Educação do Campo na Agricultura Familiar e Camponesa – Residência Agrária).

WANDERLEY, Maria Nazareth B. A agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. In **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**. São Paulo: v.25, n.2 e 3, maio/dezembro, 1995.